



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

SILVA, Edson Rosa da. *A Reflexão da Literatura: Ensaios sobre literatura francesa*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

A Reflexão da Literatura

Júlia de Campos Lucena¹

Espíritos que pensam por si mesmos têm a capacidade de abarcar com a vista toda a extensão da erudição e de perceber que devem encontrar seu próprio caminho através dessa extensão a partir do momento em que vale a pena penetrá-la. (Lessing, *Resposta à Goeze*)

A obra *A reflexão da literatura: ensaios sobre literatura francesa* consiste em uma coleção de artigos, ensaios e conferências produzidos por Edson Rosa da Silva ao longo de sua trajetória como pesquisador e professor de Literatura Comparada e Cultura Francesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escolhidos para a coletânea pelo próprio autor, os textos resumem anos de uma profícua pesquisa através, e em busca, dos enigmas das artes e da crítica na relação que travam entre si e com o mundo.

O livro é uma grande contribuição do autor para a comunidade acadêmica, em geral, e, sobretudo, para os pesquisadores em formação. Isso se dá tanto em função do assunto de sua crítica quanto da metodologia de sua pesquisa, que fica clara ao leitor, pois é constitutiva de sua escritura. A exemplo dos pensadores que o inspiram, entre os quais se destacam André Malraux e Walter Benjamin — o primeiro, ainda muito carente da atenção da crítica brasileira, e o segundo, sempre receptivo a novas interpretações —, Edson Rosa da Silva preocupa-se, em suas reflexões, muito antes com o ato de interrogar do que com o ato de concluir.

¹ Doutoranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Por isso, ele coloca-se em busca e a através dos enigmas. Não está interessado em encontrar respostas conclusivas, longe disso, para o autor, se há uma conclusão a se chegar, esta é a de que, na “peleja dos sentidos, desejados ou não, [...] provocados, buscados, forjados pelas diversas leituras”, não há técnica nem especialista que possa nos levar todos às mesmas conclusões; afinal, “a chave de um enigma não é comum a todos, pelo menos a mesma chave não o é...” (SILVA, 2020, p. 7-8).

A leitura panorâmica de sua trajetória de pesquisa, possibilitada pela coletânea, nos apresenta a um pesquisador para quem o prazer não está nas certezas, mas nos processos de busca e de descoberta. Por esta razão, além de informar, seus textos ensinam e incentivam o leitor a se emaranhar no gesto criativo da crítica literária, e a encarar o desafio de tecer sobre teias já trabalhadas. Como na metáfora da escritura de Derrida — outro pensador que acompanha suas reflexões —, na qual uma aranha, ao encontrar uma teia tecida, retoma fios “que não são seus, e os torne a tecer, para que se tornem novamente seus. Só assim compreendo a escritura e a releitura de textos — tão inacabados e indefiníveis como toda teia em processo.” (SILVA, 2020, p. 8).

Dessa perspectiva de análise derivam as noções de processo e de diálogo, tão persistentes na pesquisa de Edson Rosa da Silva. São elas, mais do que propriamente uma temática única, que dão unidade ao livro. A literatura francesa é o *locus* de observação a partir do qual o autor desenvolve argumentos que entrecruzam diferentes tempos históricos, discursos críticos, narrativas literárias e manifestações artísticas plásticas e visuais. Escritura e leitura; poesia e cidade; fotografia, cinema e pintura são alguns dos objetos de pesquisa que se tornam sujeitos de interlocução nos textos.

A partir desses cruzamentos, os textos tratam da história da arte e da história da literatura; questionam o cânone e a tradição; refletem sobre o encontro da história com a ficção, do sagrado com o profano. Suas releituras de conceitos e obras chaves para a crítica da arte são, ao mesmo tempo, fascinantes e descomplicadas. Como, por exemplo, sua



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

explicação sobre a questão da perda da aura da obra de arte, em Walter Benjamin, que Edson Rosa da Silva complexifica, ao apresentar em paralelo às reflexões de André Malraux (um encontro pouco usual, mas justificado, que incide sobre a maior parte das reflexões propostas pelo autor).

O livro está dividido em duas seções: *Malraux e a arte*, dedicada, como anuncia o título, à obra de André Malraux e às suas excursões pelas artes. E *Teorias da narração*, que trata, de modo mais geral, de desafiar os sentidos estanques na interpretação do gesto narrativo e de obras clássicas da Literatura Francesa. Há, todavia, três grandes tópicos de interesse que perpassam o livro: a obra de André Malraux, sua produção teórica como leitor e crítico, e artística como escritor e cineasta; a crítica da arte e o conceito de narrativa em Walter Benjamin; e, por fim, como um prolongamento dos tópicos anteriores, a crítica da tradição e do cânone.

A aproximação de Walter Benjamin com André Malraux é explorada em diversos textos, mas é assunto principal do artigo que abre o livro, intitulado *Walter Benjamin no limiar do pensamento estético de André Malraux*. Nele, Edson Rosa da Silva explora as reflexões destes autores a respeito da autonomia da obra de arte e da mudança de função que esta sofre com o advento da modernidade e suas técnicas de reprodutibilidade. A questão da desritualização da obra de arte e o conseqüente declínio da aura que ela sofre é a tese que Benjamin apresenta em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, texto de 1936. Texto que, no mesmo ano de sua publicação, é citado por Malraux no discurso intitulado *Sur l'heritage culturel*. Segundo Edson Rosa da Silva, o próprio Benjamin entregou o texto para Malraux, que já nutria compreensões semelhantes, ainda que elas só se tenham concretizado anos depois, quando ele elabora seu conceito de *Museu Imaginário*.

A aproximação teórica entre Benjamin e Malraux é uma das grandes qualidades da coletânea. No livro, os autores se contrastam e complementam, talvez, pela primeira vez na



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

crítica brasileira. A proposta faz tanto sentido, que, convencidos como ficamos de sua proximidade, passamos — nós, leitores — a encontrar por conta novas semelhanças. Por exemplo, que as citações, em Benjamin, operam de forma semelhante à montagem e às justaposições de imagens e textos, em Malraux, sendo ambos movimentos de “captação das potencialidades da enunciação” que mostram “como novo aquilo que novo nunca foi” (SILVA, 2020, p. 95).

Também o *antidestino* da arte, de Malraux. Sua “presentificação”, cuja função não é “resgatar o passado ou perenizá-lo tal qual”, mas “transformá-lo, engendrando novas formas” capazes de ativar o diálogo do presente com as obras e formas do passado no que Malraux chama de um “intermitente e invencível diálogo das ressurreições” (SILVA, 2020, p. 82-83), faz lembrar o “encontro secreto” marcado “entre as gerações passadas e a nossa”, que Benjamin anuncia na *Tese II* de *Sobre o conceito da história*. É como se, no pensamento de Edson Rosa da Silva, os conceitos abstratos de Benjamin ganhassem forma nas propostas práticas de Malraux, ampliando nossa compreensão sobre ambos os autores.

O conceito de *Museu Imaginário* é desenvolvido por Edson Rosa da Silva em *O Museu Imaginário e a difusão da cultura*. O conceito propõe um lugar mental que nos habita e onde são abolidas as fronteiras espaço-temporais dos museus, dos séculos, das linguagens e das nacionalidades. Neste espaço, o pesquisador pode romper com a precisão que a história aporta às artes e abrir-se para a possibilidade de uma concepção de arte que escape ao historicismo, que o provoca a pensar uma radical descentralização e desierarquização. No *Museu imaginário*, não funcionam cânones, apenas o eterno e constante diálogo das formas.

Em *Malraux e Picasso além das formas, André Malraux e o Cinema e A fotografia na reflexão de André Malraux*, Edson Rosa da Silva explora diferentes entrecruzamentos na produção crítica e artística de André Malraux. Como o conceito de “sobremundo” (*surmonde*), espaço imaginário inaugurado pela arte moderna quando ela decide romper



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

com o mundo das formas impostas pelo real, afirmando-se como um objeto autônomo. As pinceladas insubmissas de Picasso são a epítome da expressão dessa libertação: criações múltiplas, de interpretação variada, cujas formas rebelaram-se violentamente contra a necessidade de representar. Importa que o artista “não se submeta ao mundo de formas que lhe é imposto, que exija modificá-lo, que queira conquistá-lo e impor-lhe sua verdade” (SILVA, 2020, p. 36). Neste momento, a arte torna-se “uma entidade viva, independente e livre, capaz de gerar o que quer. O que não se conhece e não se pode definir” (SILVA, 2020, p. 40).

Enquanto objetos autônomos libertos da necessidade de representar a natureza e o real, no pensamento de Malraux as obras de arte revelam o que realmente as constitui: as relações que estabelecem entre si, a metamorfose de uma obra em outra nova. Isso é verdade tanto para as artes plásticas quanto para as narrativas: em *L’homme precare et la littérature*, Malraux escreve que “todo narrativa está mais próxima das narrativas anteriores que do mundo que as cerca” (SILVA, 2020, p. 28).

Quando, na seção seguinte, Edson Rosa da Silva passa a tratar das teorias da narração em Flaubert, Balzac, George Perec e BHL (Bernard-Henri Lévy), ele leva consigo e para a crítica literária estas impressões extraídas de Malraux. Elas constituem a metodologia de pesquisa, de que falávamos, e torna-se evidente quando escreve:

Meu interesse pela literatura moderna (ou pós-moderna) repousa justamente na hipótese de que o sentido da literatura e das artes ultrapassa toda e qualquer espacialidade e temporalidade. Longe de qualquer possibilidade de abolir a marca do social e do contexto ideológico em que toda obra se inaugura, as artes e a literatura possuem, contudo, uma especificidade que escapa a qualquer controle. Expressando-se de acordo com os padrões de uma determinada época (ou até mesmo contra eles), as obras mantêm, apesar de tudo, algo em comum, algo que permite o diálogo e a aproximação. (SILVA, 2020, p. 111)



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Sob esta perspectiva, a perspectiva de Edson Rosa da Silva, que é também a de André Malraux e Walter Benjamin, o passeio pela história da arte da literatura deixa de ser a consolidação de uma tradição para tornar-se uma aventura pelos interstícios e pelas fissuras. As obras não nascem submissas a uma tradição; elas nascem, sempre, como uma diferença que, aos poucos, torna-se uma totalidade. E isso tanto é verdade, que é possível questionar o realismo de Flaubert (o que o autor faz no texto *Flaubert realista?*). É preciso que a crítica devolva às obras de arte a dialética que lhes é subtraída nos processos de canonização (ou de marginalização), e, para tanto, Edson recupera o *Museu* e a *Biblioteca Imaginário(a)* de Malraux enquanto espaços mentais particularmente favoráveis ao crítico.

Essa continuidade que Edson Rosa da Silva articula é o que o previne e liberta, enquanto crítico, das conclusões apressadas e da intenção de verdade — de que, por sinal, a crítica literária está repleta. Sua reflexão crítica nos ajuda a perceber que na literatura — assim como na vida cotidiana, para Baudelaire — tudo está por ser descoberto. E que escrever nada mais é que “tentar meticulosamente reter alguma coisa, fazer sobreviver alguma coisa: arrancar alguns pedacinhos precisos do vazio que se cava, deixar, em algum lugar, um sulco, um traço, uma marca ou alguns signos.” (PEREC, 1974. p. 123).